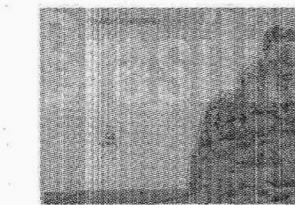


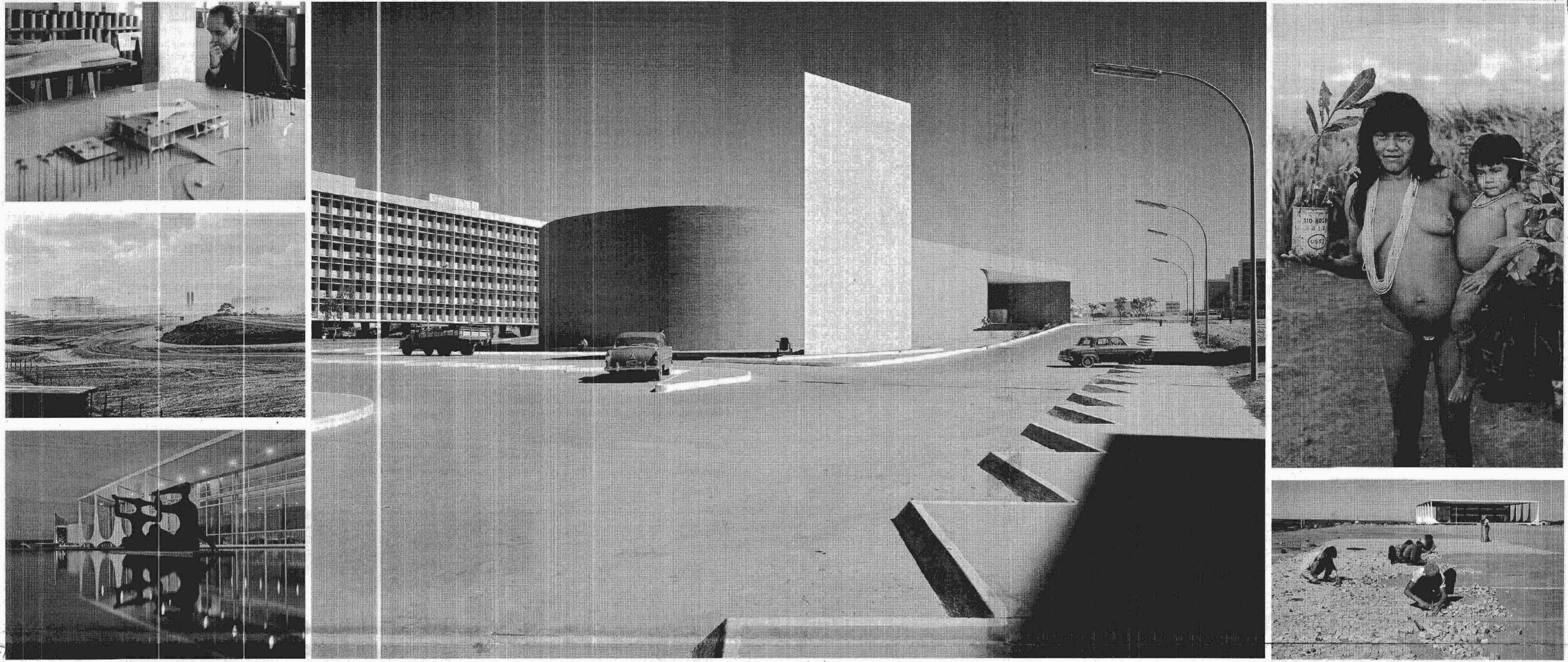
**Capa**

Casal recupera fotos feitas durante a construção da capital, que completou 50 anos, vasculhando mais de 100 mil imagens em arquivos públicos e privados, das quais 4 mil já foram restauradas



**ARQUIVO BRASÍLIA**  
Autor: Lina Kim e Michael Wesely  
Editora: Cosac Naiyf  
(528 págs., R\$ 198)

ARQUIVO BRASÍLIA/Divulgação



**Dupla.** Lina Kim e Michael Wesely: o levantamento do material para o volume foi feito entre 2003 e 2006

## BRASÍLIA, MEIO SÉCULO ENTRE A UTOPIA E AS RUÍNAS MODERNAS

ANTONIO GONÇALVES FILHO

**A**inda que tivesse sido projetada por dois ateus, Brasília é alardeada pelos sites administrativos da capital

perseguiam essa ideia. O monumental projeto de Albert Speer do Großdeutsche Reich, o Grande Reich Alemão de Hitler, em Berlim, diz o crítico de arte Helmut Friedl no livro, também baseava em linhas axiais. Esse princípio da ortogonalidade revelaria um desejo oculto e o controle das autoridades sobre os cidadãos?

Qualquer que seja a resposta, o rigor do traçado ortogonal e a mística do sistema axial não foram capazes de conte e a expansão de Brasília e acomodar o que não foi projetado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer: a arquitetura da miséria. Empurrados para longe do eixo monumental, os andangos que ergueram a capital foram os rigidos a improvisar abrigos para se proteger do sol desde os primeiros minutos de sua construção. Por causa disso, essa é também uma iconografia incômoda - mas não ideológica, garantem os autores do livro. Após uma pesquisa de três anos em arquivos oficiais e coleções privadas, realizada entre 2003 e 2006, a dupla formada por Lina Kim e Michael Wesely chegou a 4 mil imagens, restauradas a custo de sacrifício pessoal (o fotógrafo alemão chegou a leiloar fotos suas para bancar o projeto).

**Discussão em torno da monumentalidade da arquitetura de Oscar Niemeyer ainda continua dividindo especialistas**

**Mundo novo.** Muitas dessas imagens foram encorajadas por Juscino para assegurar a cobertura do andamento dos trabalhos e registrar a presença de celebridades internacionais que testemunharam a concretização da modernidade arquitetônica em pleno cerrado. O escritor inglês Aldous Huxley (1894-1963), autor do profético *Admirável Mundo Novo* (1932), foi deles. Ele definiu sua viagem i de Ouro Preto para Brasília como "uma jornada do passado para o futuro, do acabado para o que está para começar". E que estava para começar foi uma grane e seca no Nordeste, justamente no ano da sua visita, 1958, atraindo para a capital uma leva de migrantes esfomeados. Um ano depois Huxley passar por Brasília, a nova capital tinha 60 mil cidadãos acampados de forma improvisada em barracas lo Exército e barracos. Já os técnicos foram instalados na Vila Planalto, ocupando casas que

pareciam saídas do subúrbio americano. Nada especial, mas melhores que os alojamentos da Candangolândia.

**Escalas.** Enquanto os edifícios públicos eram erguidos em concreto, as casas dos trabalhadores usavam madeira tosca, criando uma situação de conflito entre o permanente e o provisório - até hoje sem solução, lembram os textos de *Arquivo Brasília*. O crítico australiano Mark Gisbourne, a esse respeito, diz que a árdua luta dos operários foi desconsiderada pelas autoridades, "não havendo sinais de que foram consultados sobre como imaginavam ou desejavam a nova capital". Gisbourne considera pouco civilizado o processo de construção da Brasília, acusando seus planejadores de "determinismo arquitetônico e urbanístico". A capital, segundo o crítico, "desfaz-se de parte de sua condição de cidade utópica, totalmente planejada", e mostra sua verdadeira face - a de uma cidade que busca uma articulação caipanga entre modernidade e tradição - nos registros selecionados pelos autores do livro.

Eles são originários de várias fontes, a principal delas o Arquivo Público do Distrito Federal, seguido pelo arquivo Gabriel Gondim de Brasília, Instituto Moreira Salles e outras coleções.

O arquiteto Milton Braga, que não participa do livro, mas organizou outro volume igualmen-

te importante sobre a capital, *O Concurso de Brasília*, também publicado pela Cosac Naiyf, lembra que outros sete projetos apresentados no concurso público de 1956 não separavam tão radicalmente o centro residencial dos prédios públicos. Ao concentrar os edifícios governamentais no eixo monumental clássico-barroco, para dar visibilidade à arquitetura de Niemeyer, Lucio Costa criou uma paisagem que concorre com a natureza local - ao contrário dos outros projetos apresentados, que buscavam a vizinhança do lago Paranoá, promovendo o contato de seus habitantes com a água numa região de extrema aridez. O parceiro de Niemeyer, contudo, considerou as margens do lago (que cobre uma superfície de 40 quilômetros quadrados) para "passeios e amenidades bucólicas de toda a população urbana".

Um aspecto que se destaca no livro é a

**Futuro, passado.**  
Niemeyer com a maquete da cidade (no alto, à esquerda), vista por amadores e por Gautherot, que fotografou o primeiro cinema do Distrito Federal (acima), erguido em uma região antes habitada pelos carajás (no alto, à direita)

Isso acabou não acontecendo. Elas foram ocupadas por clubes recreativos privados. Braga cita o projeto do paulistano Rino Levi (1901-1965) como exemplo dessa diferença de concepção urbanística. Levi projetou uma cidade definitiva, sem grande espaço para o improviso. "Já Lucio Costa teve de se adaptar à demanda", pouco se preocupando com o que acontecia com sua população construtora. "Não é que Costa tenha errado, mas faltou a ele experiência urbanística", arremata. Faltou também bom senso para perceber que uma cidade não se faz com um só protagonista - no caso, a arquitetura de Niemeyer. Contra a dimensão monumental de seu projeto, o público vira personagem liliputiano numa terra gulliveriana. "Tem muita espaço pouco público", observa Braga, criticando a desproporção entre as vastas áreas públicas e a população da cidade, ausente dos centros de poder e retraída pela escala monumental - aliás, é claro, de ser Brasília um lugar nada atraente para quem gosta de andar.

As escalas da paisagem do plano piloto, que se baseiam em dois grandes eixos viários, são também inibidoras. Embora Costa tentasse com seu eixo rodoviário interrompido livrar os habitantes de Brasília dos congestionamentos futuros, ele criou ao longo desse eixo o grosso dos setores residenciais e uma paisagem um tanto desoladora. Eram apenas quatro superquadras na inauguração. Hoje são mais de 120. O chão contínuo das superquadras é visto pela professora de Teoria e História da Arquitetura (PUC-RJ) Ana Luiza de Souza Nobre como integrador, a exemplo das casas americanas de subúrbio sem grades ou cercas limitadoras. "Ela é muito revolucionária e pode nos ensinar muito ainda hoje, numa época em que lutamos contra a privatização do espaço público", diz ela.

Eles são originários de várias fontes, a principal delas o Arquivo Público do Distrito Federal, seguido pelo arquivo Gabriel Gondim de Brasília, Instituto Moreira Salles e outras coleções.

O arquiteto Milton Braga, que não participa do livro, mas organizou outro volume igualmen-

te identificação popular com os ícones de Niemeyer - que o arquiteto Guilherme Wisnik chama de "logomarcas" do arquiteto, como o peristilo do Palácio da Alvorada, que sugere ao mesmo tempo uma arcada de cabeça para baixo e a forma de uma rede, tão cara à tradição dos nordestinos. "Brasília foi pensada por Lucio Costa como uma cidade via pacata, um pouco bucólica, uma cidade para funcionário público", diz Wisnik, observando que o núcleo familiar é essencial, norteador desse projeto. "Quem não tem esse lastro, fica desesperado nela." Realmente, não é uma cidade para flâneurs solitários, como Paris, mas pensada para concentrações de massa. Paradoxalmente, ela representou a convergência dos ideais da vanguarda histórica dos anos 1950, responsável pelo advento da linguagem abstrata nas artes plásticas e pela emergência da bossa nova no Brasil.

O horizonte dos mortos, porém, não seguiria a solução axial do plano piloto, e sim um modelo baseado na tradição nôrdica, segundo os autores do livro. O percurso do cemitério de Brasília segue em espiral a partir de um ponto central e foi assim que os pais de Bernardo Sayão acompanharam esse primeiro morto lá enterrado, em 1959. Sayão morreu durante a construção da Rodovia Belém-Brasília e foi sepultado nesse mesmo cemitério onde está o túmulo do presidente Kubitschek.

**Diplomatas.** Talvez por acreditar que o projeto de Brasília seria um fiasco destinado ao cemitério, muitas embaixadas deixaram de ocupar os terrenos cedidos pelo governo JK, preferindo manter suas representações diplomáticas no Rio de Janeiro. Muitos locais destinados às embaixadas permaneceram desocupados por vários anos. Há, no livro, registros engracados de diplomatas demaninhados sob pequenas placas que indicavam os países representados, entre eles Cuba - Fidel Castro foi um dos primeiros convidados do presidente JK, visita que desagrado aos militares. Esses, ao contrário dos diplomatas estrangeiros, encontravam vantagens na transferência da capital para longe do Rio, a principal delas se manter distante das manifestações públicas e distúrbios políticos. A localização e o projeto de Brasília acabaram facilitando o golpe militar. Involuntariamente, no caso de Niemeyer, comunista histórico.

A imagem do primeiro cinema de Brasília que ilustra esta página (*foto maior*), registrada pelo fotógrafo francês Marcel Gautherot (1910-1996), traduz à perfeição o silêncio como contraponto do inferno urbano carioca. Gautherot, cujo acervo é guardado pelo Instituto Moreira Salles, foi o fotógrafo que melhor registrou a monumentalidade da arquitetura de Niemeyer. O francês passou dois anos em Brasília a convite de JK e trouxe de lá 7 mil negativos na bagagem, entre eles o impressionante registro da construção das cúpulas do plenário do Senado Federal e da Câmara dos Deputados.

O artista americano Robert Smithson diria que elas já nasceram ruínas antes mesmo de serem concluídas. A utopia do projeto moderno, contudo, é aspirar ao eterno, embora o passado de Brasília se imponha em seu cinquentenário e em suas ruínas. "Nossas mais belas ruínas", conclui a professora Ana Luiza de Souza Nobre.